

AJ19319

ILHA DO PRÍNCIPE

A imagem de marginalidade está se apagando

Foto de José A. Magnago

— Você mora na ilha?

Ainda hoje é possível ouvir essa expressão de espanto e condenação. Mas a Ilha do Príncipe não é mais

aquela. Mudou, e muito, como sublinham quase unanimemente seus moradores, desde os que residem lá há mais de 40 anos (quando se atravessava de canoa para Vitória), até os que chegaram há pouco tempo. Hoje são raros os casos de roubo, a criminalidade baixou de uma maneira geral e desapareceram inteiramente as casas coletivas de prostituição. Muitos chegam a reclamar do rigor moral excessivo (a maioria da população é constituída de nordestinos) de algumas famílias que não gostam, por exemplo, que suas filhas brinquem carnaval.

— Somos pobres, sim. Marginais não — alerta a voz firme de dona Severina Queiroz Itabaiana, paraibana, simpática, nove filhos, que veio com o marido para a Ilha em 1956.

“Isso aqui é mais do que jóia. Cheguei, não quero mais sair”, acrescenta com a fala gingada o Edinho da Mangueira, carioca, um dos principais destaques do Bloco Recreativo Nossa Presença (e também mestre-sala da Mocidade Serrana). Edinho mora em São Torquato e frequenta a Ilha há dois anos. Há algum tempo isso seria quase impossível.

— Subo e desço a qualquer hora do dia ou da noite, nunca vi nada, ressalta.

Porém, a Ilha do Príncipe, que, apesar do nome não tem qualquer vocação monárquica, guarda as marcas de sua ocupação clandestina e desordenada. Lembra uma aldeia medieval européia, com suas ruas estreitas (algumas com menos de dois metros de largura), becos, escadarias e casas desalinhadas. Olhada por outro ângulo, guarda muito de uma pequena cidade do interior.

A tarde, com o sol quente, suas ruas são tranquilas e o vento mal consegue encontrar espaço entre as casas quase coladas umas às outras. As vizinhas conversam das janelas ou podem aproveitar a sombra, sentadas nas calçadas. Pendurada numa janela, uma placa anuncia: “Aceita-se encomendas de bordados”. Há roupas estendidas em varais. Uma moça corta cabelo no quintal. Grupos de meninos pobres, só de calção, tentam inutilmente realizar uma pelada num beco apertado, enquanto outros preferem empinar papagaios de papel, feitos por eles mesmos, na pequena praça Irene Ita-

Ficou uma imagem que hoje não corresponde à realidade.

É um bairro como outro qualquer, pobre, onde não há espaço para o

lazer e que a classe média começa a ocupar.

dona Francisca mesmo existe uma goiabeira, um pé de cajá-manga e outro de abacate. Ainda são muitos os quintais na Ilha, onde as crianças roubam frutas, inocentemente.

Mas, certamene, a alimentação deveria ser mais fácil naquele tempo. Alguns moradores contam que “era só descer para apanhar caranguejos no mangue”, que virou aterro. O mar era generoso em sirius. Dona Francisca apanhava “sacos cheios de sururu. De noite a gente botava rede, de manhã tirava uma bacia cheia de peixes. Agora só pesca poluição”.

— Tá tudo muito caro. Esses dias veio um homem aqui vendendo um pratinho de sururu por 200 cruzeiros. Na minha época a gente dava um muito maior para as vizinhas que olhavam as nossas crianças.

Aliás, essa função de “olhar crianças” continua. A Ilha não tem creche e a que será inaugurada, talvez ainda este mês pelo prefeito de Vitória, é muito pequena. Os moradores reclamam que seria preciso também melhorar as escolas.

E a prostituição?

— Pode ter um bocado por aí, escondida como existe até em bairro burguês. Mas aquela de antes acabou, garante dona Severina, uma das líderes do movimento de renovação católica, que visita sempre as casas da Ilha.

Os moradores se esforçam para apagar essa antiga imagem. Muitos ficaram contrariados com a confusão de um repórter, que, em vez de escrever que “algumas crianças que iam ao médico tinham doenças venéreas — por descuido dos pais” — acabou generalizando que “todas as crianças da Ilha” estariam contaminadas. A enfermeira que deu a informação foi repreendida severamente pelo presidente do Centro Social da

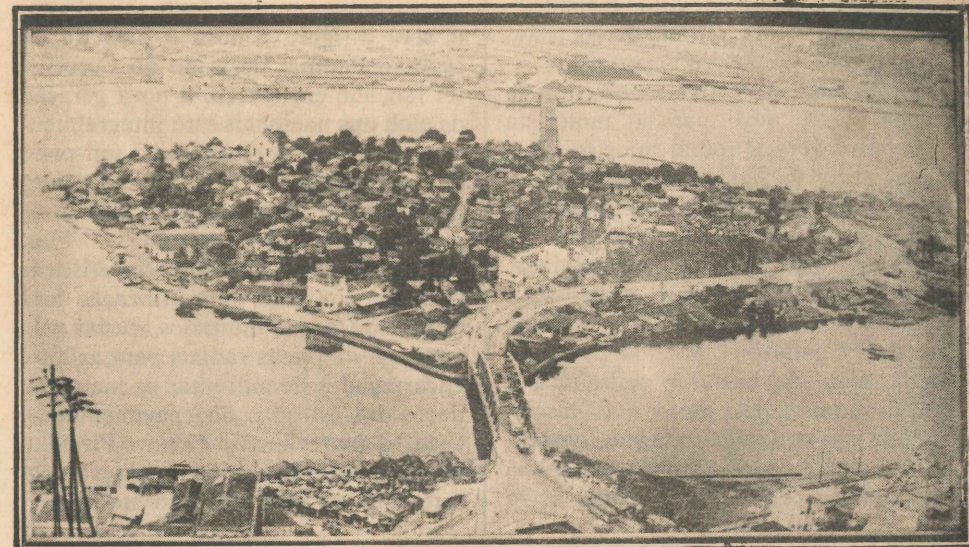
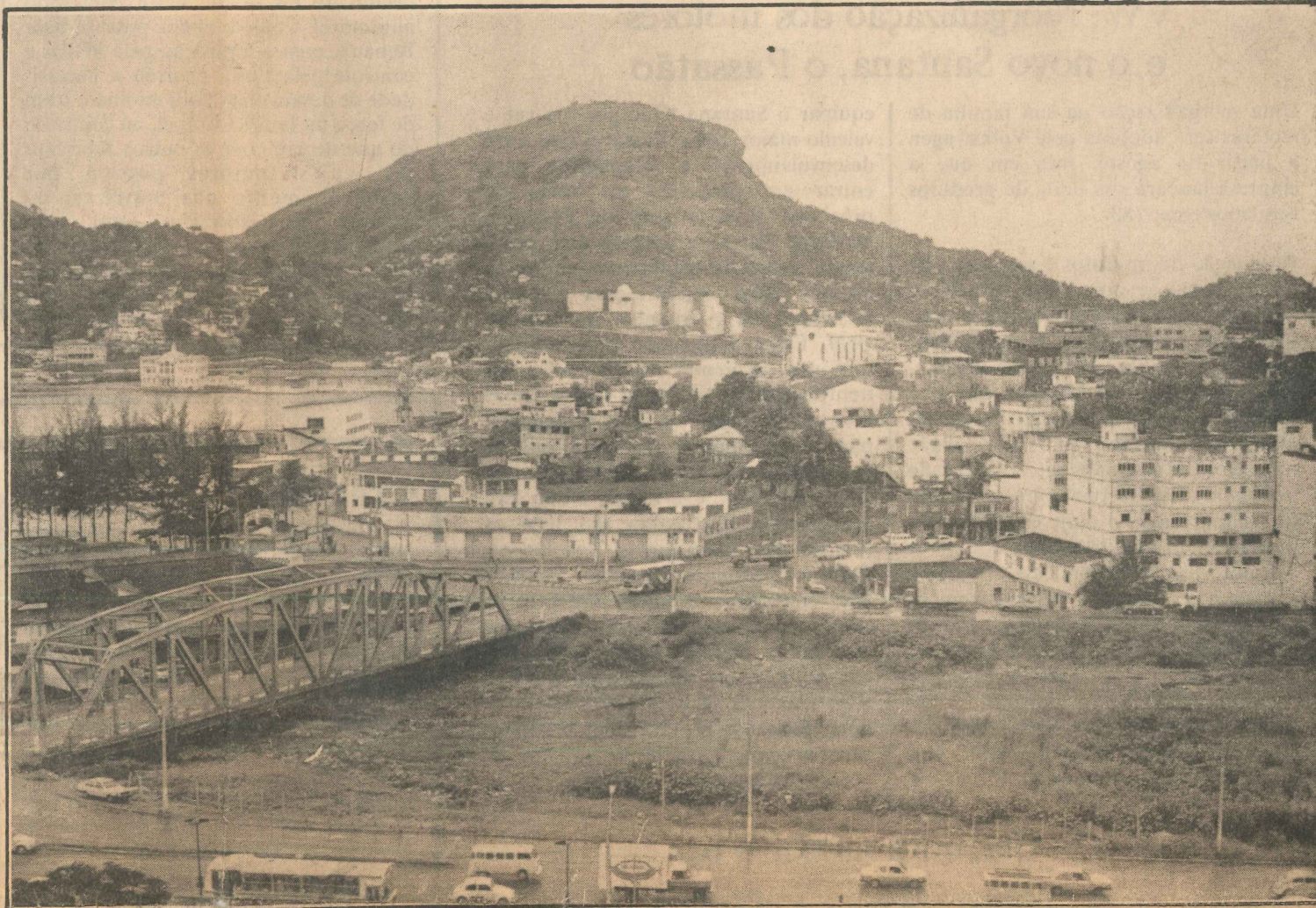


Foto de Gildo Loyola



Hoje, a Ilha guarda as marcas da sua ocupação clandestina e desordenada. De certo ângulo, guarda muito de uma pequena cidade do interior

... das janelas e podem aproveitar a sombra, sentadas nas calçadas. Pendurada numa janela, uma placa anuncia: "Aceita-se encomendas de bordados". Há roupas estendidas em varais. Uma moça corta cabelo no quintal. Grupos de meninos pobres, só de calção, tentam inutilmente realizar uma pelada num beco apertado, enquanto outros preferem empinar papagaios de papel, feitos por eles mesmos, na pequena praça Irene Itabaiana, em frente à velha Igreja Católica. De vez em quando explode um xingamento, ameaças de tapas, que podem também encontrar alguma mãe disposta a defender os mais fracos ou mandar falar "palavrão na sua casa. Vou contar pro seu pai, sem vergonha!"

Quando chegou à Ilha, em 1927, o menino Mário Gurgel (hoje presidente do PDT, depois de uma longa carreira política), fez a travessia de canoa. Pouco depois seriam inauguradas as duas pontes metálicas que transformariam a Ilha em uma passagem para o continente. Naquela época não haviam mais que uns 30 barracos de madeira, estuque, lona ou esteira, cobertos de sapé. Existia apenas uma casa de tijolos, a de Capitania dos Portos, e duas outras de madeira, bem construídas — o antigo isolamento de leprosos e a da Société de Construction du Port du Bahia, que trabalharia na construção do porto.

— Então, corria a lenda que o Governo teria um plano para fazer da Ilha um bairro residencial chique, conta Mário Gurgel. A Prefeitura não concedia licença para se construir lá.

Era uma realidade onde a prostituição se misturava com a miséria. Entre as mulheres as profissões dominantes eram as de lavadeira. (como a mãe de Mário Gurgel), catadeiras de café ou empregadas domésticas. Para os homens estavam reservados vagas no porto, estava, os cargos mais humildes da Prefeitura ou de soldados da Polícia Militar.

Dona Francisca dos Santos Abreu, nove filhos, não sabe a idade que tem. Mulata sofrida, pode ter uns 70 anos ou mais. Só foi registrada já moça. Era lavadeira. Mas o problema não era só esse: a Ilha não tinha água, nem luz.

— As vezes minhas filhas ficavam com o ombro esfolado de carregar água da Vila Rubim. Uma delas perdeu o cabelo do alto da cabeça de tanto carregar pó-de-serra pras famílias cozinhare.

Hoje, dona Francisca fica sentada num pequeno cômodo encardido de madeira recolhendo apostas do jogo do bicho **Paratodos**. Aponta para a rua onde está um monte de pedaços velhos de tábuas.

— No meu tempo não havia aquilo. A gente disputava a lenha.

Outra dificuldade era a falta de esgotos. Dona Francisca, como as outras famílias, era obrigada a "jogar bem longe o serviço das crianças". Ou enterrar. Ela garante que com isso "esterceava o chão. Ali no beco dava cada cana assim, ó, docinha. Hoje não tem nada". É um exagero, naturalmente. No quintal de

Os moradores se esforçam para apagar essa antiga imagem. Muitos ficaram contrariados com a confusão de um repórter, que, em vez de escrever que "algumas crianças, que iam ao médico tinham doenças venéreas — por descuido dos pais" — acabou generalizando que "todas as crianças da Ilha" estariam contaminadas. A enfermeira que deu a informação foi repreendida severamente pelo presidente do Centro Social da Comunidade, D. João Batista, que oferece aos seus 569 associados assistência médica e dentária.

Apesar de tudo, permanecem ainda vivos nas conversas entre os mais velhos nomes como os de **Maria Tomba-Homem, Maria Russa, Maria Leitão e Lourdes**, prostitutas que marcaram época na Ilha. Até na segunda metade da década de 60, entre a linha ferroviária e o paredão de pedra, espremia-se uma longa fileira de casas de prostituição. Os mais jovens não sabem disso, nem tampouco que um setor era controlado pelo comissário Clemente Campos, conhecido como a "zona do Campos". Hoje, bares e lojas comerciais ocupam esse lugar em novas casas.

— A época da boemia e da violência foi sepultada, acredita Mário Gurgel.

Durante longos anos os grupos de São Torquato, Morro do Quadro, Vila Rubim e Ilha do Príncipe exercitaram uma violenta rivalidade. Um não podia visitar o bairro do outro, principalmente à noite. Era pancadaria certa. As vezes os tapas sobravam também sem esses motivos.

— O dia em que eu não brigava duas vezes, não era nada. Tinha que bater para não apanhar, lembra Wilton Augusto Dias, moreno forte, comerciante aposentado, tesoureiro do Centro Social.

O sapateiro Almir Martins tem uma explicação interessante. Ele mora no morro do Moscoso, mas trabalha na Ilha há 12 anos, em um cômodo de madeira minúsculo, que ameaça cair, onde paga Cr\$ 2 mil por mês de aluguel "a uns italianos aí". Para ele, a proximidade de Vitória e o aluguel barato de barracos e quartos atraiu todo o tipo de gente para a Ilha, inclusive "aquela rapaziada que gostava de farra. E uns marginais se infiltraram na pobreza".

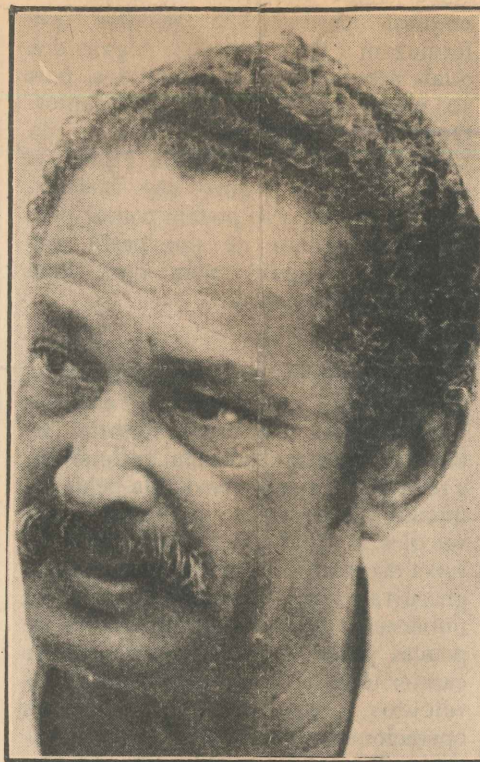
Ninguém faz segredo que ainda existem problemas remanescentes. Um deles é a maconha. "Mas isso é muito exagerado. Tem menos do que nos bairros ricos. O negócio é que prende-se alguém na rodoviária e os jornais noticiam: preso um maconheiro na Ilha do Príncipe. É porque o cara vem pra delegacia daqui, mesmo sendo de fora. A fama continua..."

— Aqui todo mundo se conhece e se respeita, retruca o motorista Francisco Queiroz, que se criou na Ilha.

Realmente a situação mudou. Na época em que Mário Gurgel foi prefeito de Vitória começaram as concessões de licenças para construções na Ilha. Mas até hoje existem muitas situações irregulares.



Hoje, a Ilha guarda as marcas da sua ocupação clandestina e desordenada. De certo ângulo, guarda muito de uma pequena cidade do interior



Mário Gurgel chegou à Ilha do Príncipe em 1927. Fez a travessia de canoa. Pouco depois seriam inauguradas as duas pontes metálicas

A duras penas, como doméstica em muitas casas ricas de Vitória, dona Maria Cecília Santos Oliveira, 57 anos, preta forte, analfabeta, conseguiu erguer ao lado do seu barraco de madeira uma casinha de tijolos, quase encostada a um imenso barranco que ameaça desabar. Ela quer a ajuda da Prefeitura para construir ali um muro, mas a vizinha alega que o barraco lhe pertence.

— Não me incomodo com terra. Não vou levar pro outro mundo. Só quero o muro para acabar com esse perigo, diz ela.

Dona Maria recebe Cr\$ 12.500,00 de pensão por mês, é mãe de 23 filhos (teve dois maridos), mas tem que reunir os 10 que sobreviveram para poder contá-los (sem incluir dois outros de "criação", um deles com apenas dois anos). Ela lembra com carinho que é-comadre do prefeito Carlito von Schilgen, que batizou um dos filhos que teve "com o Beleza".

— É Deus que me ajuda a viver, exclama dona Maria.

Essuele Ramos Valadão, auxiliar administrativo da Portobrás e estudante da Ufes, que mora na Ilha desde 1957, explica que está vindo gente de fora, comprando barracos, derrubando e construindo casas melhores, principal-

mente no alto da Ilha. Fenômeno semelhante se observa em algumas partes baixas. O aterro da Comdusa não terá certamente outro destino a não ser a ocupação por grupos econômicos fortes. Os barracos vão sendo espremidos e pouco a pouco cedem lugar à classe média.

— O que precisaria era um estudo de urbanização para abrir ruas, onde só existem becos. Geralmente isso acontece em locais pobres. Os barracos estão quase misturados, observa Essuele.

O espaço é um problema difícil de solucionar na Ilha. Quando as casas eram poucas, a Festa de Reis, o Congo ou as festas para Nossa Senhora dos Navegantes podiam reunir muita gente. Agora nem os times de futebol têm campo, nem os ensaios carnavalescos podem evoluir com liberdade seus passos. Falta ainda um espaço adequado para encenar lá as peças de teatro amador que o poeta Emilo Gozze vem montando com os moradores.

A Ilha tem três times de futebol. O América, o Benfica e o Comercial. Nenhum treina, por falta de campo. O Comercial, com maior torcida ("o campeão da Ilha") possui uma sede minúscula, onde só as crianças podem brincar de carnaval. Ele a empresta para o Bloco Recreativo Nossa Presença, dirigido pelo popular Miguel Sabarense — jovem, de voz rouca, que anda o dia todo para, "conseguir melhorias para a Ilha". Mesmo assim, o bloco tem problemas.

A professora Nilza Ferreira, tesoureira do bloco, faz um sem-número de fantasias em sua casa "sem cobrar um tostão. Mas a comunidade não ajuda. Na minha época, minha mãe me tomava a **Revista do Rádio** das mãos porque cantora não prestava. Hoje é chique, todo mundo, quer ser. Viraram pro carnaval. Os pais não querem deixar as filhas saírem no bloco".

O Nossa Presença, além das grandes dificuldades financeiras (seu presidente mora em um quarto de um velho barraco de madeira), é obrigado a ensaiar na rua. Seus componentes trabalham. Até os meninos, que vendem picolés durante o dia. Chegam tarde para o ensaio, que não pode ir além das 20h30m, porque os vizinhos querem dormir.

Por isso, tanto os jogadores quanto os sambistas sonham com uma área de lazer no terreno da Comdusa — tanto para os times treinarem, quanto para o bloco ensaiar, pelo menos. Inclusive, Sabarense

já promoveu um abaixo-assinado na Ilha, pedindo a área.

— Aqui precisaria também de mais soldados, lembra Neuza Abreu, solteira, servente do Ministério do Trabalho. Ela acha muito pouco o efetivo que cuida da segurança da Ilha.

Neuza pertence ao Conselho Fiscal do Centro Social. E defende o subdelegado Geraldo Josefino (também vice-presidente do Centro) das acusações de violência. Ela ressalta que, apesar de "muitos não gostarem dele, seu carro é como a Cruz Vermelha: vive levando gente para o hospital".

Entretanto, o certo é que existe grande insatisfação com a atuação do subdelegado e também com a diretoria do Centro Social, nomeada pelo antigo presidente e da qual fazem parte ainda dois PMS reformados. Além disso, o presidente, Benedito Souza, não mora na Ilha (o estatuto proíbe a quem não reside no local de votar e ser votado). O tesoureiro, Wilton explica que na época ninguém se apresentou como candidato. "Agora ficam criticando, mas não querem trabalhar".

O Centro aparenta estar bem cuidado. Tem consultório médico e um moderno gabinete dentário. Wilton garante que todos os que vão lá "são atendidos, inclusive os que não pagam a mensalidade de Cr\$ 180. Mais de 80% estão em atraso". Os médicos, os dentistas e as atendentes são pagos pela PMV.

"Na próxima eleição para o Centro a gente acerta tudo", promete uma moradora católica, que pede não ser citada para evitar "problemas com o delegado". "A comunidade não gosta das violências dele. Um dia vamos até colocar o problema para a Comissão de Justiça e Paz".

Mas não são apenas os católicos que atuam na Ilha. Trabalham lá também os luteranos, batistas, presbiterianos, membros da Assembléia de Deus e pentecostais. São poucos os adeptos de religiões africanas e o Centro Espírita Fé, Caridade e Amor Irmã Maria Inês está abandonado há muito tempo.

Dona Severina acha bom o trabalho das igrejas. Ela quer a religião ligada ao povo, reunindo a comunidade e pressionando as autoridades para atender às reivindicações. Em síntese: apesar dos vários problemas, para ela, a "Ilha é uma maravilha. Aqui criei minha família. Sempre com muito respeito. Digo que moro na Ilha. Com orgulho".